

Naufrágio da biblioteca queimada - cartografia de sombras

Claudio Parmiggiani

Seleção, tradução e apresentação de Joana Corona

Claudio Parmiggiani (1943 - Luzzara) é poeta, artista e ensaísta italiano, e seus textos, bem como suas mostras, ainda não tiveram uma recepção significativa no Brasil. As esculturas de sombra, como ele chama, e reafirma Didi-Huberman (2009¹), a respeito da série *Delocazione* (Deslocamento, 1970-1997), são feitas de uma matéria informe e residual: fuligem, pó e cinzas. Cria-se no espaço uma espécie de ausência presente, com a marca fantasmática dos objetos que foram removidos. Depara-se então com a imagem – poética e política – da biblioteca queimada. Pensando ainda de outro modo, surge a imagem do negativo de um espaço, que se assemelha a um negativo fotográfico, preenchendo com sombras e restos o espaço em ruína.

A montagem proposta nesta publicação arma um percurso de leitura a partir da figura do fantasma, num movimento de insistência do que já não está a não ser como potência – resquícius de uma escritura “que escava o vazio”. São três narrativas breves, com a intermitência de imagens, que se tocam em alguns pontos, sem deixar de marcar o intervalo². Entre as narrativas, há uma carta ao filósofo francês Jean-Luc Nancy, considerando a relação não apenas intelectual, mas também de amizade que há entre ambos. Há, por fim, um poema da série *Quadros*, na qual ele esboça uma cartografia em que cada poema tem como título o nome de uma cidade diferente.

Os textos foram publicados anteriormente em outros livros ou catálogos, e reunidos na antologia *Fede in niente ma totale* (Fé em nada mas total), de 2010, com prefácio de Jean-Luc Nancy e organização de Andrea Cortellessa. No ritmo da repetição e do diferimento, algumas perguntas retornam em seus textos: “Como uma ideia ganha forma?” Ou: “Como se forma uma imagem?” Em Parmiggiani, a biblioteca pega fogo e naufraga, ao mesmo tempo, enquanto desenha uma cartografia de sombras, feita de cinzas, de fumaça e fuligem.

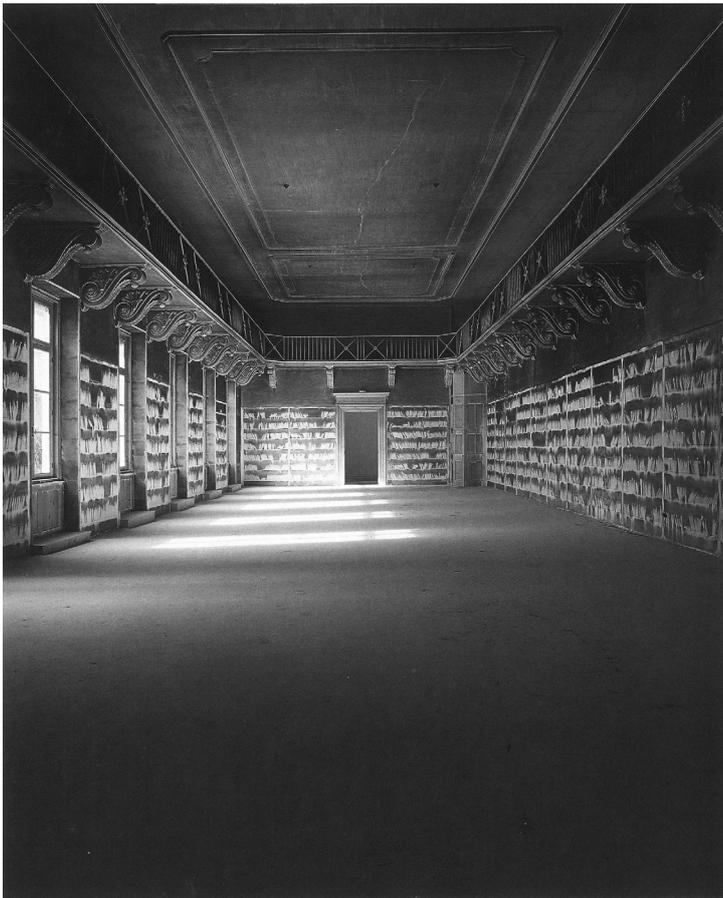
Joana Corona, agosto de 2013.

1

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sculture d'ombra - aria polvere impronte fantasmí*. Trad. Alessandro Serra. Milano: Mondadori Electa, 2009.

2

Todos os textos aqui publicados têm como fonte o livro: PARMIGGIANI, Claudio. *Fede in niente ma totale*. Firenze: Le Lettere, 2010 (pp. 20, 21, 22, 53 e 251). As imagens têm como fonte o livro: *Petrolio* (Petróleo). Milano: Charta, 2009 (organizado por Claudio Parmiggiani, com texto de Luca Massimo Barbero).



DESLOCAMENTO: PÓ E FUMAÇA

Mostrei ambientes completamente nus. A única presença era a ausência, a marca sobre as paredes de tudo aquilo que estava ali, as sombras das coisas que aqueles lugares haviam guardado. Os materiais para realizá-las, pó, fuligem e fumaça, contribuíam para criar o clima de um lugar abandonado pelos homens, como depois de uma súplica; um clima de cidade morta. Restavam somente as sombras das coisas, ectoplasmas de formas quase desaparecidas, esvaecidas como as sombras dos corpos humanos dissolvidos sobre os muros de Hiroshima.

Deslocamento é um trabalho que nasceu da observação de um espaço, de um ambiente interno de um museu, um lugar abandonado, onde as únicas presenças eram as marcas dos objetos que eu havia removido. Um ambiente de sombras, sombras de telas removidas das paredes, sombras de sombras, tal como ver por trás de um véu outra realidade velada e por trás dessa outra realidade ainda outra e outros véus, e assim por diante perdendo-se ao infinito, buscando uma imagem e através dessa imagem o desejo de entrever a si mesmo. Um ambiente de sombras como obra; um lugar da ausência como lugar da alma.

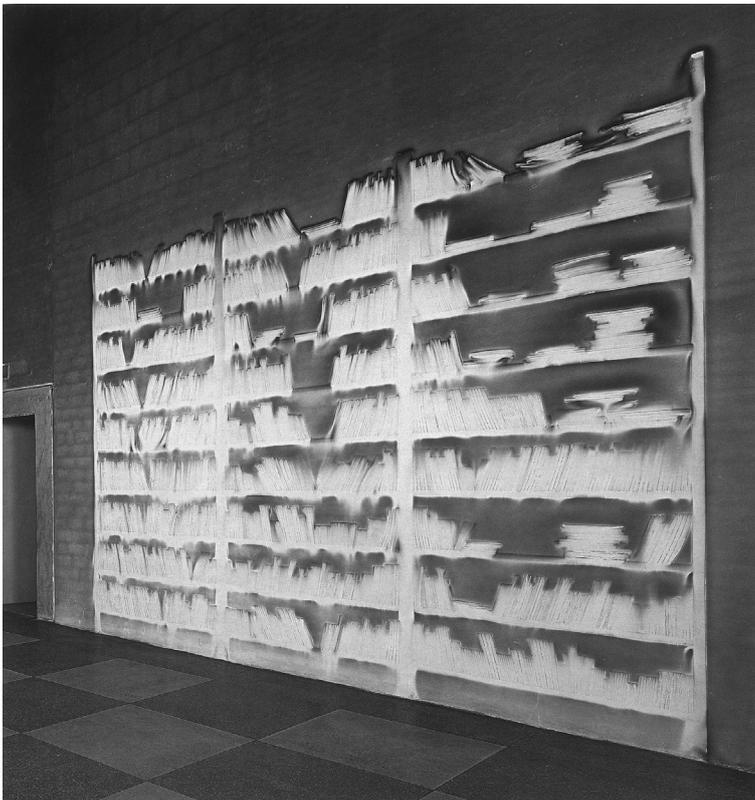
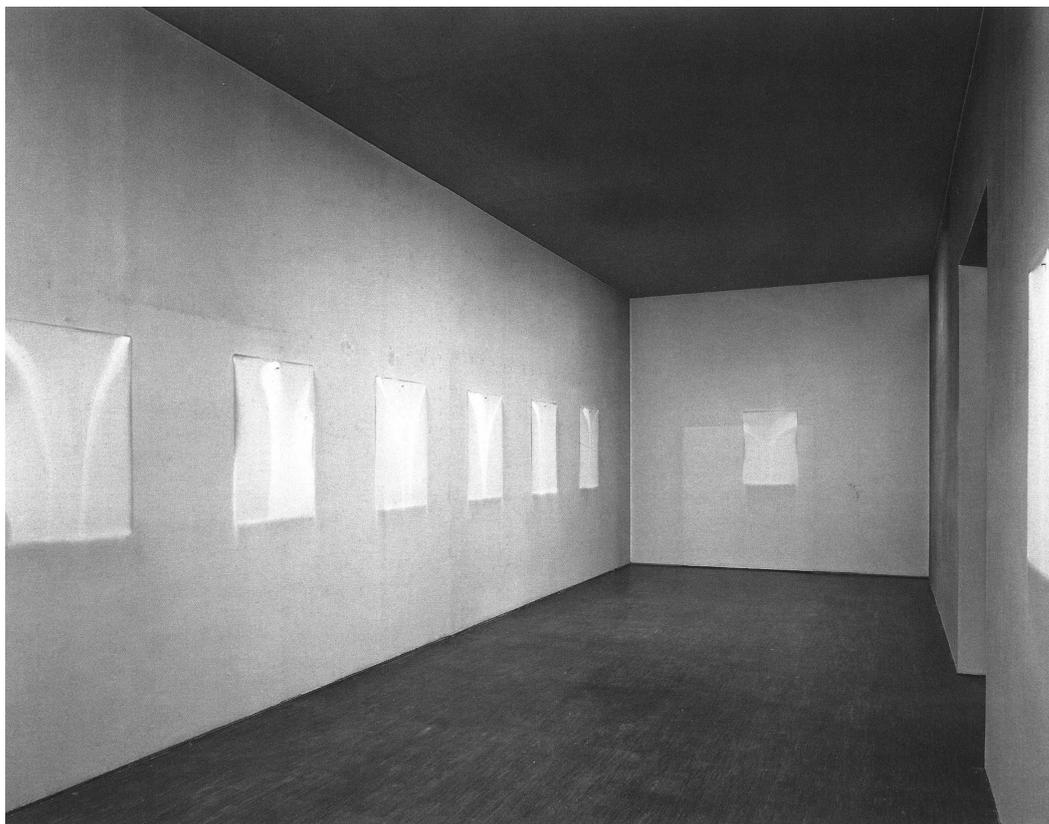


imagem 1 :

Scultura d'ombra, (Escultura de sombra, da série *Delocazione*), 2003 | fogo, fumaça, fuligem | Museu Fabre, Montpellier

imagem 2 :

Scultura d'ombra (Escultura de sombra), 2007
fogo, fumaça, fuligem. Palácio Fabroni, Pistoia
Coleção Palácio Fabroni



COMO SE FOSSE UMA LÍNGUA QUE FALASSE

Eu gostava de observar, destacados pelo pó, a passagem, o traço do adeus das coisas. A auréola, a ilusão, a sombra daquilo que havia sido.

Olhar a marca quase luminosa que uma presença qualquer, por exemplo, de um quadro arrancado da parede, deixava naquele espaço. O espaço puro, abstrato, da sua marca imaterial.

Pegar um quadro, jogá-lo fora e dirigir-se para dentro de sua sombra, para observar além, mais longe.

Não colocava apenas perguntas sobre a finitude, mas alimentava fantasias sobre a fisicalidade do ausente, sobre a corporeidade da sombra. Não o vazio, mas escavar no vazio. Naquelas impressões espectrais, mudas, nebulosas, havia um mundo, uma aurora, quase uma perspectiva. Naquelas órbitas, naquele infinito nada me parecia ser igualmente absoluto, assim como um quadro de Malevich. A percepção de um grau superior da imagem. Pintar com a fumaça; na paleta há sombra e tempo.

Na mostra de Veneza, o gesto de tirar era o de fazer. Não acrescentar, mas dispersar. Semelhante a uma antiga alegoria do vento; um anjo de bochechas inchadas que sopra. Resultado: sobre uma parede, a exalação da fumaça, a agonia de uma chama, a marca de uma respiração. Como atravessar a célebre ponte de Veneza: um suspiro.

“Como se fosse uma língua que falasse”.

imagem 3 :

Delocazione (Deslocamento), 1970-1997 | fogo, fumaça, fuligem | Centro Georges Pompidou, Paris, 1997

A ILHA DO SILÊNCIO



Caro Jean-Luc,

Você se lembra do Fausto que realizamos no Teatro Metastasio da cidade de Prato?

Também ali havia livros. Uma cenografia e uma alegoria daquela vã erudição contra a qual se lança o sarcasmo e a amarga irrisão de Fausto.

Pergunta-me da obra na Capela das Brigittines em Bruxelas.

No entanto, gostaria de lhe falar do lugar.

No início era um convento; Ordem das Brittaines, consagrado ao culto da paixão de Cristo. Depois, depósito de armas e quartel. Em seguida, prisão, leprosário, abrigo para os pobres, biblioteca, matadouro.

Depois, corpo de solidão; uma gruta. Agora é um teatro.

As paredes têm cor de fumaça, cera de vela, sangue coagulado. O material das paredes: tijolos, dispostos como livros. Uma biblioteca de livros de pedra.

Há, ainda, suor, hálito, eco de rezas e de cantos. Dor e livros de horas. Palavras ornadas e pragas na carne.

Na absíde, agora estão acumulados milhares de volumes.

Uma torre de livros percorrida pelo fogo e recoberta de cinzas. Uma escultura de palavras queimadas, um altar, uma fogueira, um cemitério da voz, uma torre de pó. Mas também palavra que migra, que se eleva, que voa.

Fiz com que transportassem até a nave central um sino de bronze.

Um coração.

Enfim, o inícipt. Um depois do outro, três golpes de vara para fazer vibrar o edifício; um sino a martelo, um alarme. A etimologia de “sino” (“campana”) é campanus, da Campania; eram fabricados em Nola. Nola é a cidade onde nasceu Giordano Bruno.

A ilha dos mortos poderia ter sido o seu böckliniano título depois de: A Ilha do silêncio.

Envie-me logo notícias suas e, na espera de revê-lo, receba o afetuoso pensamento do seu

Claudio.

imagem 4 :

A ilha do silêncio (L'isola del silenzio), 2005 | livros queimados | Capela das Brigittines, Bruxelas

CYTHERA

Desejo uma arte antiteatral, para que esta possa viver sua vida sinceramente, desprovida de espetacularização, como pensada por uma microssociedade ou por uma sociedade secreta.

Uma arte introvertida, misteriosa, que aja por evocação.

Penso em qualquer coisa como uma visão, algo que exprima o sentido de uma memória, que se assemelhe a um objeto profético.

Penso nas imagens que têm o caráter hipnótico e a inquieta profundidade de uma sombra que filtra através do olho da mente trazendo consigo uma dúvida e uma pergunta.

O sentimento indefinível e de infinito que experimentamos diante dos hieróglifos impressos no olhar de qualquer homem.



Este é o Caderno de Leituras n.25.
Outras publicações das Edições Chão
da Feira estão disponíveis em:
www.chaodafeira.com